3

Cinema, cidade e consumo

Raros são os objetos que hoje se oferecem isolados, sem o contexto de objetos que os exprimam. Transformou-se a relação do consumidor ao objeto: já não se refere a tal objeto na sua utilidade específica, mas ao conjunto de objetos na sua significação total.

BAUDRILLARD, 1981, pág. 17

3.1

Cinema e Consumo – a vida das coisas

O estudo sobre as cidades nos levou a compreender um novo cotidiano a qual estava inserido o indivíduo moderno e a perceber suas transformações e as alterações sensíveis geradas em decorrência da vida na cidade grande. Dando continuidade ao nosso trabalho este capítulo discute o papel e o significado do consumo e dos objetos na construção e comunicação da identidade do sujeito (MARY DOUGLAS; BARON ISHERWOOD, 2004)

Para discussão deste capítulo os filmes escolhidos trabalham a questão dos objetos em diversas esferas da vida do indivíduo. Tais filmes nos apresentam objetos (coisas) que são personagens da história, possuem poder de transformação, são utilizados para formação de memória e possibilitam a construção (e transformações) de identidades. Os objetos chegam a atuar como personagem principal das obras, como é o caso do *Violino Vermelho (1998)* de François Girard em que o filme conta a história do violino, isto é, o filme narra a "vida" do objeto. Em *Balzac e a costureirinha chinesa* (2001) de Dai Sijie o objeto (o livro) transforma a personagem e altera sua identidade e no filme *Uma Vida Iluminada* (2005) de Liev Schreiber os objetos ajudam um jovem a contar a história de sua família, de um povo e de um país.

Os objetos fazem parte da história da humanidade e segundo autores como Arjun Appadurai (2008), Igor Kopytoff (2008), Daniel Mmiller (2010), George Simmel (1907) e Jean Baudrillard (2008) é preciso compreender que as coisas possuem uma vida social e que ao longo de sua existência portam diversos significados e valores. (APPADURAI, 2008).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Na busca por compreender as alterações sensíveis provocadas nos indivíduos com o advento da modernidade, o consumo, visto como um sistema cultural, tem papel fundamental em tais transformações e é visto nesta dissertação como mais um elemento definidor da modernidade. Junto ao avanço tecnológico e a vida na cidade grande, o consumo também é essencial para compreendermos a transformação do indivíduo – o consumo nos dá ideia de pertencimento a um grupo ou outro e os objetos representam a expressão daquilo que somos. (CAMPBELL, 2006)

Os objetos fazem parte do nosso cotidiano e a partir deles é possível compreender e analisar a nossa sociedade, visto que, Baudrillard (1991) a caracterizou como sendo a *"Sociedade de Consumo".* Principalmente a partir do século XIX, com as transformações que se seguiam, a ruptura da tradição e a inclusão da vida em cidades, foi possível analisar o papel do consumo na sociedade e na formação de identidades. Tal contexto em que a tecnologia começa a dominar o cotidiano e que a velocidade das comunicações estabelece novas formas de relações sociais, ganha o consumo um caráter de expressão de identidades. Segundo Stuart Hall (2006), num momento de transformações de identidades o objeto, ou melhor, o produto consumido, revela sobre o indivíduo e sobre o seu grupo.

Em *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização* de Néstor García Canclini, os objetos são inseridos na cultura a partir das relações sociais construídas no cotidiano dos indivíduos, sendo o consumo "um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos do produto". (CANCLINI, 1999, p.77). Ainda nas palavras do autor:

> Comprar objetos, pendurá-los ou distribuí-los pela casa, assinalar-lhes um lugar, uma ordem, atribuir-lhes funções na comunicação com os outros, são recursos para se pensar o próprio corpo, a instável ordem social e as interações incertas com os demais. Consumir é tornar mais inteligível um mundo onde o sólido se evapora. Por isso, para além de serem úteis para a expansão do mercado e a reprodução da força de trabalho, para nos distinguirmos dos demais e nos comunicarmos com eles, como afirmam Douglas e Isherwood, "as mercadorias servem para pensar". (CANCLINI, 1995, p.59)

Para Canclini (2006) o consumo estabelece as relações sociais e altera os conceitos de cidadania, sendo responsável pela definição das principais características que molda a sociedade. O consumo molda nossas relações e define identidades, todavia, com a grande quantidade de oferta de produtos, os indivíduos estariam passando por uma crise de identidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Através das ideias de Jean Baudrillard (1981) também é possível explicar algumas características da nossa sociedade a partir do que seria sua principal característica, o consumo que se faz presente no cotidiano dos indivíduos. Segundo Baudrillard é necessário compreende a relação que o ser humana adquire com a coisa, ou melhor, compreender qual a relação que está coisas possui com o cotidiano dos indivíduos. Não consumimos coisas, consumimos signos.

As mercadorias carregam valores simbólicos e significados que despertam no indivíduo o desejo da compra, tal desejo revela a importância que os objetos adquirem na vida humana que sem relação com as coisas não é possível de análise. Os indivíduos se relacionam com os objetos o tempo inteiro e vivem em função deles, vivemos o *"tempo dos objetos"* (BAUDRILLARD, 1981).

Em sociedades anteriores os objetos eram deixados como testemunhas da história e permaneciam como referências de um período ou outro, já na nossa sociedade nós observamos o nascimento, a produção e a morte da coisa . A vida dos objetos está diminuindo e tal fato pode ser relacionado a mídia e a publicidade que colocam ou tiram o objeto da moda.

Dessa forma Canclini (2006) afirma estarmos fazendo parte de uma *cultura do efêmero* em que relaciona a forma como nos relacionamos com as coisas a forma como nos relacionamos com as pessoas. A questões dos objetos saírem de moda com tamanha velocidade e o desejo pelo novo, pela substituição, não se dá apenas nas relações entre indivíduo e objeto, mas também entre pessoa e pessoa. Segundo Canclini (idem?), a sociedade é constituída a partir da relação entre as pessoas e entre as pessoas e os objetos, o ato de consumir estabelece novas identidades, direciona o pertencimento a determinados grupos e representa a verdadeira forma de comunicação na nossa sociedade.

Pensar os objetos é pensar em sua importância no meio social e nas relações que constrói com os indivíduos, com a memória, com o tempo e espaço. Os objetos possuem uma vida, uma vida social repleta de significados e que está atrelada a história do homem. O homem se relaciona com os objetos e a história do homem é a história de sua relação com tais coisas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

3.2

Uma vida Iluminada – a coisa conta a história

Augustine e eu. Ttrachmbrod, 1940

Uma Vida Iluminada, 2005

A frase acima, encontrada no verso de uma foto, foi a motivação que levou um jovem judeu estadunidense a partir para Ucrânia em busca de seu passado. A foto deixada ao jovem pelo avô em que está (ainda jovem) ao lado de uma moça, motiva o rapaz a se aventurar e descobrir quem teria sido a jovem que poderia ter salvo sua família dos ataques nazistas. Uma busca pela história e a reflexão sobre memória e esquecimento enriquecem o filme *Uma vida Iluminada (2005).*

O jovem do filme é Jonathan Safran Foer, interpretado por Elijah Wood, um colecionador de objetos de família que guarda tudo que encontra em sacos plásticos identificados com nomes e datas de nascimento que ficam pendurados na parede de seu quarto. Desde dentaduras a frascos de remédios e montes de terra o jovem coleciona tudo que pode revelar algo sobre o passado de sua família. A mulher da foto a qual procura na Ucrânia também é colecionadora e é através da importância que estes objetos possuem para a vida dos dois personagens que eles conseguem remontar este passado, isto é, os objetos revelam rastros de um passado que aos poucos é descoberto pelo jovem. Tais rastros dialogam com o ensaio de Walter Benjamin “O Narrador” que fala sobre o colecionador que recolhe os restos e detritos da cidade, isto é, em meio a pobreza das grandes cidades este personagem não deixa nada se perder. (GAGNEBIN, 2006).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Imagem 3.1 – Uma Vida Iluminada (00h07’48’’)

Jeanne Marie Gagnebin em seu livro “Lembrar escrever esquecer” (2006) fala (com a inspiração Benjaminiana) sobre a necessidade de lembrar, ou melhor, de rememorar o passado que está sufocado e inaudível (Ganebin, 2006), sendo necessário também o esquecimento, visto que a história da humanidade e a memória dos homens são construídas em dois polos: *o da transmissão oral vida e o da conservação pela escrita* (Ganebin, 2006), tais polos são sinais da ausência.

Para Andréas Huyssen *Seduzidos pela memória (2000),* a preocupação com a memória é uma das preocupações culturais mais importantes para a nossa sociedade e que o medo do esquecimento nos faz criar diversos mecanismos para que a memória seja guardada, arquivada ou melhor que ela continue viva para quando quisermos retornar a ela. Segundo Huyssen:

> Numa época em que a noção de memória se transferiu para o domínio dos chips de silício, dos computadores e das histórias de ficção científica sobre cyborgs, os críticos lamentam rotineiramente a entropia da memória histórica, definindo a amnésia como perigoso vírus cultural criado pelas novas tecnologias de mídia. Quanto maior é a memória armazenada em bancos de dados e acervos de imagens, menor é a disponibilidade e a habilidade da nossa cultura para se engajar na rememoração ativa, pelo menos ao que parece (HUYSSEN, 2000, p. 67)

O fato de não estarmos numa sociedade em que as experiências são transmitidas por uma tradição oral, comunitária e direta, nos faz inventar diversas formas de conservação e lembranças , como no caso o garoto do filme que coleciona diver-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

sos objetos ao longo de sua vida para não esquecer de si mesmo ou como o personagem do avô de Alexander que ao se deparar com tanques de guerra deixados num campo como se fizessem parte de um museu relembra uma memória esquecida.

Imagem 3.2 – Uma Vida Iluminada (01h19’54’’)

Imagem 3.3 – Uma Vida Iluminada (01h20’00’’)

O personagem do filme não coleciona ou recolhe grandes feitos, ele vai em busca daquilo que é deixado de lado como algo que não teria significado e que a história oficial não saberia o que fazer (GANEBIN, 2006). Para Benjamin o sofrimento da guerra deixou os soldados mudos e em silêncio (no caso do avô que ficou cego aos horrores da guerra), seja na primeira guerra com o horror das trincheiras ou na segunda guerra com toda a crueldade cometida nos campos de concentração.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Na busca por seu passado Jonathan contrata um serviço de uma empresa familiar especialista em encontrar rastros dos judeus que sofreram com o holocausto e é orientado na Ucrânia por Alexander Perchov, seu avô, um senhor que finge ser cego, e uma cadela chamada Sammys Davis Jr. Jr. que seria a guia deste senhor. A trama do filme é construída a partir das narrativas de Alexander, que conta sua experiência em ajudar Jonathan a encontrar sua história e o passado de sua família. Também é montada a partir das cartas que Jonathan escreve narrando suas aventuras em descobrir o passado do avô sobrevivente da perseguição nazista, e do diálogo entre essas duas narrativas.

Ao encontrarem Trachimbrod os personagens não encontram Augustine (a mulher da foto), mas encontram sua irmã que vivia sozinha no lugar, ou melhor, segundo suas palavras vivia com os objetos, com Trachimbrod, com os rastros deixados pelos seus antepassados. Ela guardou, organizou e arquivou os objetos deixados pelas pessoas que moravam na vila e através deles mantinha viva a história e a memória daquele território, das pessoas que viviam ali e de uma parte do terror da Segunda Guerra Mundial. Nas imagens abaixo é possível perceber a coleção de Jonathan e de Augustine.

Imagem 3.4 – Uma Vida Iluminada (00h08’12’’)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Imagem 3.5 – Uma Vida Iluminada (01h02’36’’)

Imagem 3.6 – Uma Vida Iluminada (01h04’37’’)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

O filme constrói a ideia de que os objetos (as coisas) fazem parte de um mundo social e que a relação entre os indivíduos e as coisas possuem uma história e representam uma cultura, indivíduos e coisas são igualmente significativos para a vida e sociedade. O significado das coisas está na forma como nos relacionamos com ela e nas posições sociais que ocuparam em nossas vidas. A importância dos objetos em nossa vida cotidiana levou a reflexão de Appadurai (1986) sobre serem os objetos possuidores de uma vida social e tendo as coisas uma biografia cultural e social. . Segundo o autor, os objetos circulam por diversos regimes de valor e por diversos ambientes históricos possuindo assim características dessa circulação. Em “Uma vida iluminada”, os objetos a se tornarem parte de uma coleção deixam de

ter valor de mercadoria e passam a ter uma importância histórica, social e cultural, isto é, os objetos possuem uma biografia e juntos formam a história de um lugar, de um povo, de um momento histórico e de um país.

Partindo em sua viagem pela Ucrânia, Jonathan não abre mão de seu hábito de colecionar objetos e deixa Alexander intrigado, o ucraniano não entende essa prática e questiona Jonathan que revela guardar tudo para que não esqueça de si, os objetos por ele colecionados preenchem um vazio.

Imagem 3.7 – Uma Vida Iluminada (00h50'13'')

Durante o filme nossos personagens vão se deparando com objetos deixados pela Guerra e isso vai provocando lembranças ao avô de Alexander que recorda um passado esquecido e transforma seu presente e futuro. O avô de Alexander também tinha sido vítima do holocausto e após se deparar com os objetos deixados consegue relembrar de sua história, tal personagem, mesmo dirigindo e observando os lugares por onde passa, se diz cego durante todo o filme, sua cegueira funciona como uma forma de negar o passado, de esquecer o horror da guerra e através desse esquecimento poder viver o futuro. História que ficou esquecida, ou bloqueada, devido ao horror daquelas imagens. Aquelas memórias ficaram guardadas pelo avô de Alexander até o momento certo delas tornarem-se vivas e acabarem por conduzir o senhor ao suicídio, como vemos na figura abaixo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Imagem 3.8 – Uma Vida Iluminada (01h28'16'')

Através do filme é possível observar que os objetos proporcionam experiencias aos indivíduos e revelam sua humanidade. As coisas possuem uma vida e a partir dessa premissa é possível entendermos que ser mercadoria é apenas uma das etapas da trajetória da coisa. Ao final do filme Jonathan e a irmã de Augustine trocam seus objetos tornando-os uma parte do outro neste momento

Segundo Claudia Maia em seu artigo, *Coleção e memória em Uma vida Iluminada, de Liev Schreiber (2015),* o escritor *Italo Calvino, em "A redenção dos objetos" texto dedicado ao historiador, crítico e também colecionador Mario Praz,* argumenta sobre a importância das coisas na constituição dos indivíduos e que sem elas o homem não sobreviveria. As coisas são parte do homem e não utilização delas, das coisas, e de sua história para contar a história da humanidade significa a perda da história do homem. Sem a história das coisas não existe a história do homem. No filme a descoberta da história do avô de Jonathan só é possível graças as coisas guardadas por ele e pela irmã de Augustine, tal relação dos personagens com os objetos, são segundo Claudia Maia, "o vínculo indissociável do homem com o mundo material que ele mesmo produziu". (MAIA, 2015, p. 6).

Uma vida iluminada (2005) trabalha a história do homem ao lado da história das coisas e a relação entre elas, uma dependendo da outra. A memória coletiva construída ao longo filme é apresentada através dos objetos e das experiências construídas ao longo da viagem quando os personagens encontram agentes da história e lugares de memória.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

3.3

Balzac e a costureirinha chinesa – a coisa que transforma

(..)o poder de nossa sensibilidade e de nossa inteligência, só podemos desenvolvê-lo em nós mesmos, nas profundezas de nossa vida espiritual. Mas é nesse contato com os outros espíritos, que chamamos de leitura, que se faz a educação do espírito.

ROCHA, 2010, p.17

A coisa possui sua história, biografia e forma identidades, mas também é capaz de transformar identidades, indivíduos que se transformam ao utilizar o objeto, que mudam quem são por causa de uma coisa ou outra. No filme *Balzac e a costureirinha chinesa (2001)* uma camponesa em plena revolução cultural da China é transformada pelos livros.

O filme retrata a China durante as décadas de 60 e 70 quando o líder Mao Tsé Tung, fundador da República Popular da China, iniciou um programa de reeducação para jovens que teriam possíveis ligações com o capitalismo ou quaisquer símbolos que representassem a burguesia. Tal medida fechou universidades, retirou das escolas literaturas consideradas reacionárias, intensificou o culto a imagem de Mao Tse Tung e enviou jovens paras campos de trabalho onde seriam reeducados. O período conhecido como Revolução Cultural Chinesa foi marcado por perseguições políticas e realização de prisões e tortura para os indivíduos que pensassem diferente da doutrina imposta pelo governo – objetos também eram perseguidos e exterminados, colocados na fogueira e condenados à morte.

Imagem 3.9 – Balzac e a costureirinha chinesa (00h06’46’’)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Balzac e a costureirinha chinesa (2001) foi o dirigido por Daí Sijie e possui três personagens centrais, os dois jovens intelectuais, Luo e Ma, que são encaminhados para a reeducação devido a profissão e o engajamento político de seus pais, e a Costureirinha, uma jovem camponesa que mora nas montanhas onde é realizada a reeducação. Os três jovens passam a conviver e se conhecer e os dois rapazes se apaixonam pela Costureirinha.

A reeducação tinha por objetivo mostrar aos rapazes como era a vida do proletariado comunista e afastar as influencias capitalistas da juventude chinesa. A reeducação, realizada na Montanha Fênix (Fênix Celestial), local de difícil acesso onde para chegar era preciso caminha por diversas horas por uma trilha estreita, exigia dos rapazes longas jornadas de trabalho.

Imagem 3.10 – Balzac e a costureirinha chinesa (00h10’41’’)

Durante sua jornada nos campos de trabalho e da reeducação Luo fala para Ma que vai tirar jovem chinesa da ignorância e inicia um ciclo de leituras. Os três personagens encontram uma maleta repleta de livros proibidos e iniciam uma aventura na obra de Balzac e outros autores considerados proibidos. A menina descobre prazer em escutar as histórias de Balzac e vai se transformando a cada livro, a cada encontro, o filme começa a ganhar mais cor na medida que ela vai conhecendo os livros.

A leitura dos livros de Balzac revela a jovem Costureirinha um novo mundo até então distante e desconhecido, um mundo que desperta dentro dela os sonhos e aventuras. Imersa na obra de Balzac a Costureirinha afirma por diversas vezes que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

não gosta de um autor ou outro, de um tradutor ou outro, ela gosta de Balzac. Através da leitura de Balzac a Costureirinha experimenta a descoberta da sexualidade, o amor, a vontade de sair do lugar em que estava, realiza um aborto.

3.4

Violino Vermelho – a coisa e a aura

> *De um ponto de vista cultural, a produção de mercadorias é também um processo cognitivo e cultural: as mercadorias devem ser se não apenas produzidas materialmente coisas, mas também como culturalmente sinalizadas como um determinado tipo de coisas.*
>
> *KOPYTOFF, 2008*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

A passagem acima faz parte do livro *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural (2008)*, organizado por Arjun Appadurai e encontra-se no início do segundo capítulo intitulado *A Biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*, escrito por Igor Kopytoff.

Segundo Kopytoff (2008) as coisas transitam dentro e fora do estado de mercadorias e essa transformação, por quais passam as coisas, podem ser rápidos, lentos, reversíveis ou terminais, normativos ou discrepantes. Para o autor: "a mercadoria não é um tipo de coisa, em vez de um outro tipo, mas uma fase na vida de algumas coisas".

O Violino Vermelho (1998) de François Girard narra a história, ou melhor, a biografia de um violino, isto é o filme fala da trajetória das coisas, dos objetos sendo possível no decorrer do filme observar os diversos significados que o violino vai recebendo a cada momento histórico e a cada transformação da sociedade. O longa-metragem nos revela que o significado das coisas depende da forma como nos relacionamos com ela, isto é, os objetos estão presentes em nosso cotidianos e são determinantes para a nossa história.

Pensar numa vida social dos objetos nos remete ao texto de Arjun Appadurai (2010) que afirma existir uma biografia das coisas. No filme *O Violino Vermelho*,

a coisa, passa por diversos contextos, histórias, pessoas e acumula um conjunto de biografias que juntas formam a biografia do Violino. Também é possível discutir a película a partir da questão benjaminiana da perda da aura com a reprodutibilidade técnica.

Para Kopytoff (2008) nós aceitamos que uma pessoas tenha várias biografias e também é necessário compreender que as coisas também possuem várias biografias, como no caso de *O Violino Vermelho*, em que este passa por diversas fases da história e vive em distintos regimes de valor. Para pensarmos a biografia da coisa, do violino, é necessário fazer perguntas que se fariam a biografia de uma pessoa. No caso do Violino Vermelho sabemos que ele foi construído por um italiano em 1681 e que ele era um presente ao seu filho que estava para nascer, mas que é afetado por uma tragédia, isto é, o violino nasce em meio a dor de um pai que perde sua mulher e seu filho durante o parto e tinge o violino com o sangue de sua esposa. A morte da mulher é tão trágica quanto a possível destruição do violino durante a Revolução Cultural Chinesa quase duzentos anos depois da confecção do violino.

Imagem 3.11 – O Violino Vermelho (00h15’49’’)

Ao refletir sobre a biografia de um violino, de uma coisa, é necessário compreendermos como são feitas a biografias em nossa sociedade. Kopytoof (2008) compara as sociedades de pequena escala com as sociedades de grande escala, para o autor, nas sociedades de pequena escala as identidades de sociais de um indivíduo são estáveis e as mudanças condicionadas por regras culturais. Neste tipo de sociedade a biografia de uma pessoa está ligada ao que acontece em seu status e os atores sociais já estão bem definidos dentro de um sistema social determinado. Assim

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

como numa biografia de uma pessoa, a biografia de uma coisa nas sociedades de pequena escala se dá pelo conjunto de acontecimentos que ocorrem dentro de um mesmo cenário. Todavia, nas sociedades complexas as identidades sociais das pessoas estão em transformação e geralmente em conflito o que permite uma construção biográfica que retrate o drama das identidades. O mesmo acontece com a biografia das coisas em que se retrata a transformação da coisa, suas definições e redefinições, classificações e reclassificações. (KOPYTOFF, 2008).

No caso do Violino Vermelho é possível perceber a transformação de sua identidade pelos diversos regimes de valor pelos quais vive sua história. A história do violino é contada através da vida da mulher do italiano ao consultar as cartas do tarot. As cartas revelam as jornadas do violino e as histórias das pessoas que se relacionaram com o objeto, ou melhor, cada carta conta um momento da vida do violino. Nos revelando a relação existente entre a história do objeto e das pessoas.

Imagem 3.12 – O Violino Vermelho (00h18’48’’)

A primeira carta (a Lua) conta a história da mulher do italiano e sua longa jornada, a carta na verdade conta a história do violino que carrega o sangue da mulher. A segunda carta conta a história de Kaspar Weiss, um jovem de Viena que tocava o violino de forma magnífica, tudo começa quando um orfanato compra o violino e ele passa de criança em criança durante longos anos até escolher Kaspar que o toca lindamente. O orfanato leva o garoto para um professor que o ensina a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

técnica, ao mesmo tempo que aprende a tocar o garoto fica cada vez mais dependente do violino. O professor apresenta o garoto à família real e este morre do coração.

Imagem 3.13 – O Violino Vermelho (00h25’15’’)

A terceira carta revela uma história em que ciganos desenterram o violino que chega às mãos do lorde Frederik Pope, um jovem violinista que não consegue mais tocar pelo abandono de sua amada. Pope acreditava que com a partida de sua amada para a Rússia não conseguiria mais tocar. Ele perdeu o amor e a inspiração, até que encontra o violino. Ao mesmo tempo em que volta a tocar a sua amada retorna da Rússia que acredita ter perdido seu amor para outra mulher. Acreditando ser o violino o culpado de tudo ela atira no objeto.

A quarta carta conta a história de Xiang Pei na china no período da Revolução Cultural do líder Mao Tse Tung em que são proibidos todos os instrumentos e objetos que tenham alguma relação com o capitalismo e a sociedade burguesa. Xiang Pei devolve o violino a loja onde o comprou e o salva da fogueira, o violino fica escondido na loja até a morte do proprietário quando é encontrado por uma empresa de leilões.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA

Imagem 3.14 – O Violino Vermelho (01h53’457’’)

A quinta carta conta a história de Moritz um especialista em obras de arte que alega conhecer a aura da obra de arte, ao ter o violino em mãos ele percebe que se trata do famoso violino vermelho confeccionado pelo italiano com o sangue da mulher morta. Moritz troca o violino no leilão e fica com o verdadeiro.

A biografia do Violino revela os vários significados que o objeto possui no decorrer de sua existência e sua relação com os indivíduos. Dessa forma, é possível perceber que a história do homem é construída junto com a história das coisas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512864/CA